

Sociabilidade científica e opinião pública sobre o darwinismo nas Conferências Populares da Glória (1873-1880)

Karoline Carula*

Resumo

A difusão de idéias de caráter científico/cientificistas fazia parte de um projeto de nação que se estabelecia no Brasil na segunda metade do século XIX. Com o intuito de difundir a ciência, foram criadas em 1873 as Conferências Populares da Glória no Rio de Janeiro, que se constituíram como importante espaço público de sociabilidade científica. Foi nestas Conferências que, em 1875, as idéias darwinistas ultrapassaram o circuito das instituições letradas de saber e ensino, por meio das preleções do médico Miranda Azevedo. O objetivo deste trabalho é analisar a constituição dessas Conferências como espaço de formação de opinião pública, entre 1873 e 1880. Para tal, enfoco a celeuma gerada na imprensa da Corte em consequência das preleções que abordaram o tema do darwinismo, assunto que obteve maior repercussão seguida de polêmica.

Palavras-chave: Conferências Populares da Glória, opinião pública, darwinismo**Abstract**

The diffusion of ideas of character scientific/scientificist was part of a nation project that was established in Brazil in the second half of the 19th century. With intention to diffuse the science, were created in 1873 the Gloria Popular Conferences at Rio de Janeiro, that were constituted as an important public space of scientific sociability. In these Conferences, in 1875, the Darwinian ideas exceeded the circuit of the erudite institutions of knowledge and education, through doctor Miranda Azevedo conferences. The objective of this paper is to analyze the constitution of these Conferences as space of formation of public opinion, between 1873 and 1880. To this end, I focus the controversy generated in the press at the Court in consequence of conferences that broached the theme of Darwinism, subject that achieved bigger repercussion followed by controversy.

Key-words: *Gloria Popular Conferences, public opinion, Darwinism*

* Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo

As idéias darwinistas ultrapassaram o circuito das instituições letradas de saber e ensino por meio das Conferências Populares da Glória, preleções públicas realizadas inicialmente na escola da Freguesia da Glória no Rio de Janeiro (COLLICHIO, 1988; FONSECA, 1996). Em 1873, o conselheiro Manoel Francisco Corrêa criou as Conferências a fim de estabelecer um novo espaço para a divulgação da ciência, das artes e da literatura na Corte. Os oradores que se apresentavam, em sua maioria médicos e bacharéis, já eram reconhecidos em outros círculos letrados e institucionais. O público freqüentador desse local, composto pela camada letrada carioca, recebeu de forma positiva o evento, transformando-o em mais um espaço de sociabilidade. Desta maneira, as Conferências obtiveram força política, constituindo-se como um espaço público privilegiado para a formação de opinião pública. Elas eram anunciadas e comentadas nos jornais da grande imprensa, que traziam artigos debatendo as preleções e as idéias ali expostas. A repercussão na imprensa foi importante tanto por dar legitimidade ao espaço das Conferências, quanto por reverberar discussões sucedidas, com isso, colaborando na disseminação e cristalização das idéias apresentadas. Dentre essas novas idéias, enfatizo o darwinismo, pois as preleções com esta temática repercutiram na imprensa de maneira polêmica entre 1873 e 1880.

Em 1875, o médico Augusto Cezar de Miranda Azevedo iniciou um conjunto de preleções que tinha por objetivo apresentar e difundir o darwinismo na capital do Império (COLLICHIO, 1988). Como um dos propósitos das Conferências da Glória era difundir um conhecimento dito científico, discorrer sobre o darwinismo neste local era fundamental, pois as Conferências repercutiram na imprensa carioca, e assim como esta, constituíram-se como um espaço formador de opinião pública.

Ao anunciar a primeira preleção do médico, *O Globo* sublinhou o fato de a teoria de Darwin já ser difundida nos “países mais adiantados”¹, ou seja, se ela fosse discutida aqui ajudaria a inserir o Brasil no rol dos países civilizados. Esse comentário do jornal dava à conferência uma conotação positiva mesmo antes de ser realizada, sugerindo a sua boa aceitação. *O Jornal do Commercio* mencionou que a teoria de Darwin já circulava entre os norte-americanos e os europeus e era desconhecida no Brasil.²

Destacar que a teoria já era conhecida na Europa e nos Estados Unidos indicava que ela também deveria ser não só conhecida, mas também aceita no Brasil, uma vez que esses eram os locais civilizados nos quais o Brasil se inspirava. Ou seja, havia a necessidade de se estar a par dos termos discutidos em centros mundiais considerados como “mais civilizados”.

¹ *O Globo*, 10/04/1875.

² *Jornal do Commercio*, 10/04/1875.

Almejava-se alcançar um novo e mais alto patamar da civilização, via um modelo pré-estabelecido que serviria a qualquer localidade do mundo.

Após a realização da preleção, o *Jornal do Commercio* reafirmou ser o preletor o primeiro a defender e discutir o darwinismo em público, ressaltou inicialmente que o orador disse proferir aquela conferência por estar certo de prestar um “serviço à pátria e ao povo”. Segundo a folha, o médico pretendia demonstrar a serventia da doutrina darwinista para as academias e para a “massa popular”.³ Observo que, para Miranda Azevedo, o darwinismo forneceria o instrumental para se pensar e resolver os problemas da sociedade brasileira, logo, sua ação de propagar tal conhecimento só poderia ser encarada como um ato de envergadura.

Sobre os motivos que dificultavam a difusão da teoria de Darwin no Brasil, Miranda Azevedo marcou a necessidade de não se misturar a razão com a fé.⁴ No final de sua preleção o médico expôs sua crença na aplicabilidade do darwinismo nos diversos setores da sociedade, estendendo, desta maneira, a teoria biológica para a sociedade. Uma das aplicações da teoria darwinista na sociedade, apontada por Miranda Azevedo, estava relacionada à seleção do serviço militar, porque a mesma retirava os homens sadios da sociedade e deixava os defeituosos para procriarem.⁵

Tanto o *Jornal do Commercio* quanto o *Diario do Rio de Janeiro* realçaram a questão da convocação para o serviço militar. Segundo o *Jornal do Commercio*, o orador acusou as leis de recrutamento militar de corroborarem com a degeneração humana, dado que os homens mais “fortes” e “robustos” eram convocados e ficava a cargo dos mais “fracos e raquíticos” a criação das futuras gerações.⁶ Ocasionalmente, dessa maneira, a degeneração da espécie humana, assunto, segundo Miranda Azevedo, preocupante e aterrorizante para as sociedades modernas. O *Diario do Rio de Janeiro* relatou que para Miranda Azevedo, no caso do Brasil, além de o governo se preocupar com políticas de imigração, deveria também pensar mais em como aprimorar as famílias do país, tornando-as mais “vigorosas e robustas”.⁷

Na análise de Miranda Azevedo havia uma hierarquização do homem, na qual existiriam homens superiores, referenciados como “sadios” e “fortes” e, em contrapartida, os inferiores, qualificados como “débeis” e “fracos”. Para o médico, os descendentes dos indivíduos inferiores estariam fadados a também serem inferiores, mostrando que em sua interpretação o determinismo hereditário era fundamental.

³ *Jornal do Commercio*, 18/04/1875.

⁴ AZEVEDO, Augusto Cezar Miranda de. op. cit. 1876, p. 42, 61 e 62. Grifos do original.

⁵ AZEVEDO, Augusto Cezar Miranda de. op. cit. 1876, p. 60.

⁶ *Jornal do Commercio*, 18/04/1875.

⁷ *Diario do Rio de Janeiro*, 14/04/1875.

O orador vislumbrava uma aplicabilidade da teoria darwinista em prol da sociedade brasileira, os princípios biológicos de Darwin poderiam ser estendidos para o estudo e melhoramento da sociedade. O recrutamento militar era aqui “cientificamente” comprovado, por argumentos de procedência darwinista, como equivocado e prejudicial à reprodução saudável da sociedade. Houve a apropriação de um discurso da ciência para justificar um posicionamento político.

O Globo questionou a fundamentação utilizada por Miranda Azevedo com relação ao recrutamento militar. Para este jornal, havia problemas no uso feito pelo médico das proposições de Ernst Haeckel. O emprego de idéias de outros evolucionistas junto às de Darwin denota que o darwinismo concebido por Miranda Azevedo era filtrado, de modo a apresentar uma ressignificação das idéias de Darwin e de outros seguidores do evolucionismo. Em seus respectivos trabalhos, Therezinha Collichio e Maria Rosa Lopes Cid, sustentam que a leitura e a apropriação do darwinismo feitas por ele manifestavam um posicionamento político no qual os preceitos biológicos defendidos por Darwin poderiam ser estendidos à sociedade (COLLICHIO, 1988; CID, 2004). Para Cid, as ações propostas pelo médico atestavam que seu arcabouço teórico não se restringia ao evolucionismo darwinista, chegando a apresentar propostas discordantes das de Darwin (CID, 2004).

Esta crítica de *O Globo* foi respondida por Miranda Azevedo em sua terceira conferência, mostrando a via de mão dupla de repercussão de idéias entre as Conferências e a imprensa.⁸ A folha relatou que o orador havia retomado a questão da seleção militar, apresentada na primeira conferência, reafirmando não ser ela a única causa da degeneração humana, embora fosse uma das principais. Mesmo não tendo assistido à preleção de Miranda Azevedo, a redação de *O Globo* destacou a importância da difusão das idéias darwinistas na sociedade brasileira, explicitando já ter alguma opinião favorável sobre o assunto. O jornal ofereceu o espaço da publicação para a discussão das idéias expostas nas Conferências da Glória, frisando desta maneira seu papel como veículo de informação, que atuava na formação de uma opinião pública sobre os temas abordados nas Conferências.

Em sua segunda conferência, Miranda Azevedo continuou sua exposição sobre a teoria darwinista; desenvolvendo uma analogia entre as ciências naturais e o governo de um Estado. O objetivo de ambos seria a consagração da unidade. Segundo o médico, nas ciências naturais apenas uma única verdade explicaria os fenômenos observados, o mesmo ocorreria com os sistemas políticos; somente um regime seria autêntico e adequado. Para o conferencista, que

⁸ *O Globo*, 29/04/1875.

se dizia republicano sendo, inclusive, um dos signatários do Manifesto Republicano de 1870, a verdade científica estaria no darwinismo, e o sistema republicano seria a forma correta de governo (COLLICHIO, 1988).

A fim de que as idéias expostas conseguissem uma opinião positiva do público e, com isso, ganhassem amplitude, o orador solicitou o apoio do mesmo. Provavelmente, esse pedido decorreu das críticas recebidas após a primeira preleção, que segundo a interpretação do médico, foram de caráter preconceituoso e, para ele, o preconceito seria um dos maiores obstáculos à difusão e aceitação da teoria darwinista e, desta maneira, do próprio progresso.

Após a segunda preleção de Miranda Azevedo sobre o darwinismo, *O Apostolo* se manifestou contrário às suas idéias. Desde quando se iniciaram as Conferências da Glória esse jornal já havia dispensado ríspidas críticas ao seu organizador, Manoel Francisco Corrêa, e ao governo; buscando formar uma opinião adversa ao evento. Todavia, o alvo principal era o chefe do gabinete, o visconde do Rio Branco, que sendo maçom só poderia ser condescendente com a difusão de doutrinas de caráter anticatólico. No cômputo geral e excetuando alguns casos, as conferências apresentariam, segundo *O Apostolo*, inconsistências com relação à história, à literatura e à ciência; sendo, portanto, prejudicial seus resultados. Para o periódico, a preleção do médico darwinista serviu para ratificar o seu julgamento.

No tocante às idéias expostas por Miranda Azevedo, para *O Apostolo*, a difusão da teoria darwinista era “condenada pela Igreja e proibida por lei”, visto ser o Brasil um país legalmente católico. Ela instituíra uma nova origem do mundo, retirando de Deus o poder da criação, sendo, por isso, uma hipótese ateísta. Ainda salientou que as rejeições da existência de Deus e da imortalidade da alma, sustentadas por Darwin, não podiam ser difundidas no Brasil, pois seria um crime previsto pelo Código Criminal e, como tal, sujeito às devidas penalidades. Para *O Apostolo*, esta transgressão já ocorria, uma vez que os jornais de maior circulação publicavam com grande euforia os discursos de Miranda Azevedo, e aí citava *O Globo*. Denunciou ser delito cometido com o aval do ministro da justiça, das autoridades policiais e de dois promotores públicos, insinuando que a sociedade caminhava para um abismo. Acusou ainda o gabinete Rio Branco de também ser favorável à propagação da teoria anticatólica, porque este já havia negado a utilização da escola S. José para uma conferência católica, porém, concedido a mesma para realização das conferências de Manoel Francisco Corrêa.⁹

⁹ *O Apostolo*, 25/04/1875.

Havia uma relação, feita pelo *O Apostolo*, entre a propagação de teorias discordantes às doutrinas católicas e a crise entre o Estado e a Igreja. A passividade e a complacência do governo perante a propagação das novas idéias eram consideradas como sintomas desse afrouxamento de laços. Por isso recorreu constantemente ao artigo 278 do Código Criminal, a fim de lembrar e reafirmar na prática que no Brasil, pela Constituição de 1824, o catolicismo era a religião oficial e, desse modo, a Igreja Católica e seus dogmas e princípios deveriam ser seguidos e respeitados.

A crítica de *O Apostolo* não era apenas direcionada à teoria darwinista, mas também ao orador e ao organizador das Conferências da Glória, foi inflada pelo posicionamento da imprensa perante as preleções de Miranda Azevedo. Com relação à segunda preleção, *O Globo* elogiou a maneira como Miranda Azevedo expôs suas idéias, referindo-se a Darwin como sábio. Ao sublinhar que o conferencista se fundamentou nos “progressos científicos”, a publicação mostrou que o médico tirara suas conclusões por meio de algo que se almejava para o Brasil – o progresso – reconhecido, inclusive por aqueles que não eram darwinistas. Portanto, difundir o pensamento darwinista também seria uma forma de levar o país a progredir. A simpatia de *O Globo* pelo tema foi ressaltada quando classificou a utilização prática da teoria como “admiráveis aplicações”, posicionando-se como um aliado do médico na formação de uma opinião pública simpatizante do darwinismo.

Ao comentar a terceira conferência do médico darwinista, *O Globo* explicitou a situação delicada do orador mediante as críticas feitas pelos jornais fluminenses, numa referência ao *O Apostolo*. *O Globo* viu em *O Apostolo* uma “acusação violenta e apaixonada”, que chegou a acusar o conferencista de criminoso, ameaçando-o de punição legal. Não obstante, segundo *O Globo*, Miranda Azevedo não se preocupou com “as frases violentas” impressas pela folha católica, já que possuía em seu favor sua tese de doutoramento, aprovada pelas comissões competentes e, logo, não era criminoso; deixando a critério do bom senso do público instruído o veredicto final.¹⁰ Mais uma vez a decisão final pertence ao público, reafirmando o papel deste como tribunal incorruptível (HABERMAS, 1984). O fato de Miranda Azevedo responder às críticas da imprensa na tribuna da Glória indica que os debates nos periódicos também repercutiam nas Conferências.

Ao delegar a sentença para o público presente, entendido aqui como a camada letrada que acompanhava as Conferências e os debates na imprensa, Miranda Azevedo deixou claro que não se tratava apenas de optar entre o médico e o jornal, mas sim entre o discurso

¹⁰ *O Globo*, 29/04/1875.

científico ou o religioso. Provavelmente, nessa disputa, a vantagem estaria ao lado da ciência, porque, diferente do discurso católico, ela traria benefícios à população e possibilitaria o progresso do país, requisito essencial para se atingir a civilização nos moldes liberais.

Após a terceira conferência de Miranda Azevedo, *O Apostolo* publicou uma série de artigos discutindo de modo mais específico as idéias ali apresentadas. Fez ataques direcionados à figura de Miranda Azevedo, apresentado-o de modo pejorativo como alguém novo demais para proferir palavras dignas de crédito. Houve também uma depreciação do diretor das Conferências da Glória, Manoel Francisco Corrêa, desta forma, atingindo o próprio evento. O debate não girava em torno das idéias pregadas pelo conferencista, mas sim sobre o prestígio do mesmo. O critério da publicação para desqualificar o darwinismo foi atacar o orador e o organizador das Conferências, a folha não buscou uma contra-argumentação no campo das idéias.

Ao tentar formar uma opinião pública discordante das idéias darwinistas, *O Apostolo* desqualificou *O Globo* e o *Jornal de Commercio* que, ao elogiarem as conferências de Miranda Azevedo, abdicavam sua condição de imprensa respeitável. Intencionando desmentir o que havia sido publicado, *O Apostolo* afirmou que o número de pessoas presentes nas conferências do médico não era tão grande como havia sido noticiado. Portanto, na luta pela não difusão das idéias darwinistas todos os argumentos e armas poderiam ser utilizados. Partindo do pressuposto que muitos dos presentes às conferências sobre o darwinismo eram leitores dessas folhas, qualquer um poderia atestar a veracidade da informação de *O Apostolo* ou a do *O Globo* e do *Jornal do Commercio*, principalmente no tocante à quantidade do público feminino, pois seria muito difícil confundir a presença de uma única mulher com a de várias. Apesar das diretas críticas da gazeta católica, esses jornais publicaram novamente o resumo da conferência e, mais uma vez, destacaram o grande auditório.¹¹

Cabe ressaltar que, nesta polêmica havia uma parcela dos jornais que elogiava as preleções darwinistas – *O Globo*, *Jornal do Commercio*, *Diario do Rio de Janeiro*. A despeito de um pretense lugar de neutralidade, a imprensa era um lócus de disputa, em que cada periódico buscava, dentro do seu perfil jornalístico e político, argumentos e modos de convencimento de sua opinião. Dos jornais pesquisados, *O Apostolo* foi o único a fazer estardalhaço sobre as conferências que tinham a teoria de Darwin como tema. Ele procurava espaço neste embate, uma vez que os outros não condenavam a difusão da teoria. O próprio silêncio destes já assinalava um posicionamento político favorável. Por fim, pude perceber

¹¹ *Jornal do Commercio*, 30/04/1875; *O Globo*, 29/04/1875.

que a recepção da teoria de Darwin na sociedade brasileira do século XIX não ocorreu de forma pacífica. Após a sua divulgação na tribuna da Glória, o darwinismo se tornou tema de destaque para a imprensa do Rio de Janeiro. Estes debates nos jornais foram marcados por discussões que denotavam um processo de racialização da humanidade.

Referências Bibliográficas

- CARULA, Karoline. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. Campinas, SP, 2007. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp.
- CID, Maria R. L. *O aperfeiçoamento do homem por meio da seleção: Miranda Azevedo e a divulgação do darwinismo, no Brasil, na década de 1870*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, 2004.
- COLLICHIO, Therezinha A. P. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- FONSECA, Maria R. F. da. As “Conferências Populares da Glória”: a divulgação do saber científico. *História, ciências, saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, nov. 1995/fev. 1996, v. 2, n. 3, p. 135-166.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.